

**Max Heindel**  
**Cristianismo Rosacruz**



**Conferência XVII**  
**⊗ Mistério do Santo Graal**



**Fraternidade Rosacruz**  
**Centro Autorizado do Rio de Janeiro**  
**Matriz: The Rosicrucian Fellowship**

## CONFERÊNCIA XVII

### O MISTÉRIO DO SANTO GRAAL



Visão do Santo Graal , Sir Edward Burne-Jones (1833 –1898)

**N**este capítulo, vamos considerar um dos Mistérios da antiguidade. Encontrando-se em muitas partes do mundo ocidental na Idade Média, tal Mistério tem existido para diversos povos sob diferentes aspectos desde a aurora da consciência humana.

Como já dissemos, na Europa, na Idade Média, havia certos Mistérios: ao norte da Rússia, os Trottes ensinaram certa fase do Mistério do Mundo; na Irlanda, floresceram os Druidas. Contam-nos que nossos ancestrais rezavam debaixo de um carvalho; isto implica na direção dos Druidas, porque druida significa carvalho. E quando se conta que Bonifácio abateu o carvalho, devemos inferir que Bonifácio pôs fim ao ensino dos Druidas.

O Mistério do Graal era do norte da Espanha. Estava sob a guarda de um grupo de cavaleiros santos que viviam no Castelo de Montsalvat, sendo seu propósito proclamar grandes verdades espirituais à humanidade, de tal maneira que esta pudesse entendê-las como através de simbolismos ou uso de imagens, pois, de outro modo, ficariam fora do alcance do intelecto daqueles tempos.

O homem chegou ao presente estado evolutivo vindo de um outro em que não possuía absolutamente nenhuma consciência externa de seu próprio corpo. Dirige-se agora a estágios mais avançados ainda, por isso os mitos e símbolos eram os meios de prepará-lo para a compreensão intelectual do caminho que precisava seguir. Assim, aqueles que tiveram contato com esses Mistérios, que foram ensinados, que escutaram, são os que agora se inclinam ou se interessam por tais assuntos, enquanto a maioria que ficou por fora não pode ainda, naturalmente, sentir o anseio interno por uma vida espiritual. De forma que, se sentimos de fato no íntimo influências espirituais, isto mostra que algum dia fomos preparados em algum desses Mistérios para compreender intelectualmente aquelas verdades, como mostra também que o repetido impacto dado pelos primitivos mestres é o que responde pelo avanço da humanidade a

estados superiores. Repetição não é absurdo. Pelo contrário, é de máxima importância que as verdades espirituais sejam repetidas muitas vezes.

Dissemos anteriormente que a humanidade - ou sua maior parte, pelo menos - trabalha hoje sobre o corpo de desejos tentando refrear seus desejos por meio da lei. Contudo, quando se inicia o desenvolvimento oculto, quando o homem está para converter-se em precursor, é o corpo vital que deve ser trabalhado, e este corpo atua especial e peculiarmente por efeito da repetição.

O corpo vital é o princípio mais importante da planta. É o que nela faz crescer caule e folha em sucessão alternada, de modo que fique cada vez mais alta. E, invariavelmente, ela prossegue repetindo tudo: talo, folha, ramo. Sempre a mesma coisa. É o modo pelo qual atua tudo o que só tem corpo vital. Analogamente, se quisermos atuar sobre o corpo vital, precisamos fazê-lo pelo método da repetição.

Quatro são os éteres presentes em nosso corpo vital, sendo que os dois inferiores cuidam das funções físicas, conforme vimos na Conferência XI - *Visão e Percepção Espirituais*. Vimos também ali que os dois éteres superiores nos acompanhavam quando precisávamos retirar-nos do corpo denso para funcionar nos mundos suprafísicos. Este repetido impacto é o que torna possível a separação entre os dois éteres inferiores e os dois superiores. Esta é a razão de ainda serem as igrejas fatores importantes no desenvolvimento espiritual, pois ali o fiel é instado a *orar sem cessar*. Só que não devemos orar egoisticamente, mas de maneira altruística e em harmonia com o Bem Universal. Se orarmos por chuva e nosso vizinho orar por estiagem, certamente poderá a anarquia prevalecer nas condições meteorológicas se ambas as orações forem atendidas. Nem devemos imaginar que, com elas, compramos a Deus, conforme parece ser o conceito daqueles que elevam sobremaneira a voz nas reuniões de oração. Existe uma certa atitude espiritual de oração que o místico conhece muito bem quando se reclui em seu aposento com tal objetivo.

Orar é como acionar um interruptor de eletricidade. A chave não gera a corrente; simplesmente estabelece uma ponte ou canal pelo qual a corrente elétrica pode fluir. De modo idêntico, orar estabelece um canal do qual a vida e a luz divinas podem jorrar por si em nosso interior, proporcionando-nos iluminação espiritual.

Se o contato do interruptor fosse feito de madeira ou vidro, inútil seria. Com efeito, constituir-se-ia até em obstáculo à passagem da corrente elétrica, porque, sendo aqueles elementos isolantes elétricos, estariam contrariando a natureza desta. Para funcionar, os contatos da chave devem ser feitos de metal ou outro elemento condutor. Ficam assim em harmonia com as leis físicas da condutância elétrica.

Se nossas orações são egoísticas, mundanas, e não levam em conta os interesses do próximo, assemelham-se ao interruptor de madeira, isto é, anulam o próprio objetivo visado porque contrariam o propósito de Deus, que é AMOR. As linhas abaixo apareceram no *London Light* há alguns anos<sup>1</sup>, tendo sido guardadas por este autor como um modelo de

## PRECE IDEAL

( ORAÇÃO ROSACRUZ )

Não Te pedimos mais luz, ó Deus,  
Senão olhos para ver a Luz que já existe;  
Não Te pedimos canções mais doces,  
Senão ouvidos para ouvir as presentes melodias;  
Não Te pedimos mais força,  
Senão o modo de usar o poder que já possuímos;  
Não mais Amor, senão habilidade  
Para transformar a cólera em ternura;  
Não mais alegria, senão como sentir  
Mais próxima essa inefável presença,  
Para dizer aos outros tudo o que já temos  
De entusiasmo e de coragem.  
Não Te pedimos mais dons, amado Deus,  
Mas apenas senso para perceber  
E melhor usar os dons preciosos  
Que já recebemos de Ti.  
Faze que dominemos todos os temores,  
Que conheçamos todas as santas alegrias,  
Para que sejamos os Amigos que desejamos ser,  
Para transmitir a Verdade que conhecemos;  
Para que amemos a pureza,  
Para que busquemos o Bem,  
E, com todo o nosso poder, possamos elevar  
Todas as Almas a fim de que vivam em  
Harmonia e na Luz de uma Perfeita Liberdade.

Esta é a classe de oração que eleva, que enobrece o ser humano, de forma que, quanto mais o homem ou a mulher cultive essa atitude mental e alimente estas aspirações sublimes, tanto mais conseguirá libertar os dois éteres superiores do corpo vital. Por isso, ao recomendarem as igrejas “orai sem cessar”, situam-se elas dentro dos ensinamentos ocultos, pois, deste modo, pela constante repetição, o corpo vital é moldado dentro de grandiosas aspirações. Antes de podermos prosseguir ao longo do caminho oculto, devemos necessariamente afrouxar a ligação entre os éteres superiores e inferiores, capacitando-nos assim a funcionar fora do corpo denso, que fica então a cargo dos dois éteres inferiores. E aqui reside o problema do médium e de outros que desenvolvem certo grau de clarividência involuntária através de exercícios respiratórios: quando tais pessoas conseguem sair de seus corpos densos, fazem-no involuntariamente, levando consigo três éteres, ao invés de dois. Resultado: o corpo denso fica com insuficiência de éter para mantê-lo funcionando normalmente. Em consequência, podem ocorrer distúrbios mentais e morais, culminando muitas vezes em loucura.

Só há um modo seguro de desenvolver nossas faculdades latentes. Não importa o que digam ao contrário, a experiência prova que a conquista de poderes espirituais depende de purificação e aspirações inegoístas. E era isto o que os Mistérios ensinavam na antiguidade.

Para compreendermos o Mistério do Santo Graal é necessário retrocedermos, seguindo as diferentes épocas, ao tempo em que a Terra saiu do caos. Reinava, então, a escuridão, e o homem se encontrava ainda submerso na Terra, e a Vida ali atuava para despertá-lo. Naqueles tempos, Adão era da mesma matéria terrena que são os minerais do presente.

Chegamos depois à segunda época - Época Hiperbórea - quando o homem já possuía corpo denso e vital e existia no estado vegetal. Seu alimento eram as plantas, tanto que dele se fala como “Caim, o agricultor”.

A seguir, vem a Época Lemúrica, em que o homem adquiriu o corpo de desejos. Aqui ele já possui três veículos, como os animais, e acha-se num estado em que precisa de um alimento de natureza tal que possa nutrir seus três corpos. Este alimento ele o obtém de animais vivos, e desse homem ouve-se dizer que foi pastor. Era Abel.

Chegamos depois à quarta época - Época Atlante - quando o homem desenvolveu a mente. O pensamento destroi tecidos constantemente, causando degeneração; portanto, ele precisou acrescentar algo à sua comida, algo que tendesse a se deteriorar em seu organismo. Foi então que começou a comer cadáveres deteriorados de animais. Por isso, diz-se que Nimrod era um poderoso caçador.

Finalmente, o homem chegou àquela fase evolutiva em que devia esquecer sua natureza espiritual e acreditar que a vida física era a única em que ele existia, precisando, portanto, de algo que o ajudasse a esquecer. Tal fase começou com Noé e os poucos que com ele se salvaram, os quais constituíram-se em precursores da presente Época Ária, sendo também Ele que cultivou a videira e fez o vinho que ajuda o homem a esquecer. Era necessário que ele esquecesse temporariamente o lado espiritual de sua natureza a fim de que pudesse desenvolver plenamente seu lado material. Eis porque Cristo transformou a água em vinho, o que é simbolicamente representado por seu *primeiro* milagre.

Nas religiões primitivas, usava-se apenas água nos rituais templários. O deus do vinho, Baco, surgiu na Grécia anteriormente a Cristo a fim de preparar a era de orgias que se impunha para o ser humano esquecer. E assim tornou-se mais e mais material. A religião cristã foi a única que sancionou o uso do vinho. O homem, em consequência, ficou inteiramente encerrado em seu veículo físico. Agora, contudo, outro impulso precisa ser-lhe dado para libertá-lo, e, presentemente, já podemos notar sinais evidentes deste impulso em muitas direções, um dos quais, por exemplo, é o grande movimento pró-temperança que tem se alastrado pela América, nação que já foi cognominada muito propriamente de “Cadinho”.

O vinho, agora, está sendo substituído por água, inversamente. Já conseguimos conquistar o mundo material, conforme atesta o maravilhoso progresso do mundo ocidental. Devemos, por

isso, retornar ao uso da água para que possamos recobrar, em nível mais elevado, aquela visão espiritual que um dia perdemos. Este é o objetivo pretendido pelo Mistério do Santo Graal: purificar o homem a tal ponto que o mesmo se capacite a reaver a visão espiritual. Assim como damos hoje aos nossos filhos livros ilustrados com gravuras, assim também os mitos nos foram dados na antiguidade para que pudessem atuar sobre os nossos *sentimentos*, preparando-nos para a compreensão.

Os cavaleiros do Graal possuíam duas características muito marcantes: pureza e inofensividade, as duas qualidades que andam sempre de mãos dadas.

Vimos, nos últimos capítulos, que quando uma entidade - seja um Espírito Grupo ou um Espírito individual - é forçada a abandonar seu corpo abruptamente, como num brusco puxão, por assim dizer, como é o caso de morrer assassinado, sempre deixa algo para trás.

Se tomamos um pêsego maduro e o cortamos ao meio, o caroço salta livre, desligando-se por completo da polpa da fruta. Por outro lado, se fizermos o mesmo com um pêsego verde, verificaremos que um pouco de sua polpa também sai com o caroço, mostrando uma tendência para se aderir a este, que a polpa do pêsego maduro não mostra.

Consideremos agora, o caroço como sendo aquele corpo, a parte dura e cristalizada do ser, e a polpa, digamos, que é o Espírito, a parte sutil do mesmo ser. Se tentarmos separar bruscamente, como golpeando com violência, o que acontecerá? Simples: o corpo físico reterá uma parte da alma - seja do homem ou do animal - parte essa que é sempre inferior. Quando Cristo retirou-se bruscamente do seu envoltório físico em razão da morte violenta na cruz, algo aderiu e ali ficou no corpo de Jesus. Esse algo foi a parte mais inferior dos princípios mais elevados de Jesus, porque até ele, o mais perfeito dos homens, possuía algo de imperfeito. Essa parte, pois, precisava ser deixada para trás pra que somente a parte absolutamente pura fosse extraída.

Ao matar-se um animal, a parte mais inferior de sua alma adere ao seu corpo, ficando o Espírito Grupo livre da parcela de paixão retida naquela carne que comemos. Entretanto, esse Espírito Grupo pensa incessantemente: "Preciso conseguir outro veículo", e tal idéia é impressa em cada célula dos animais assassinados coletivamente. Daí o forte desejo sexual despertado por cada pedaço de carne, impelindo-nos à sua satisfação.

Foi Nimrod, o Atlante, quem primeiro matou para comer, inaugurando assim um mal social. Vimos que, prejudicando os animais ao matá-los, estamos simultaneamente prejudicando ainda mais a nós próprios, porque, desse modo, continuamos a alimentar esse mal social que está em nós. E quando dizemos mal social, não nos referimos aquele que *comumente* é assim chamado - as profanidades de igrejas e Estado - mas significamos todo e qualquer relacionamento sexual, salvo aquele que se pratica como um sacrifício destinado a proporcionar corpos para Egos reencarnantes. Qualquer outro emprego da função criadora é um mal social.

Agora que compreendemos a relação entre mal social e alimentação carnívora, que exige que arrebatemos a vida a outros seres, podemos entender porque os Cavaleiros do Santo Graal eram puros e inofensivos. E entender também a razão porque só quando chegar o tempo em que Parsifal quebre seu arco para não mais matar e diga: “Não mais comerei estas partículas que clamam por uma existência separada e precisam criar continuamente, mas viverei uma vida pura e inofensiva”, só quando chegar a tal ponto na vida, poderá o homem sentir compaixão. Enquanto matarmos, não podemos sentir a verdadeira compaixão.

Você e eu, que vivemos sob complicadas condições, pelas quais a matança efetua-se em recintos especiais, por certo nunca vimos os animais serem mortos, embora sejamos tão responsáveis pelo pavor e pela angústia que deles se apodera em tais momentos, como se aí estivéssemos pessoalmente a matá-los. Poderíamos ir até esses lugares sangrentos, tomar ali de uma faca, cravá-la numa daquelas indefesas vítimas, ver por seus olhos a vida abandoná-la, e depois de tudo, sairmos para nos deliciarmos com suas carnes? Não, não poderíamos. Evoluímos o bastante para isso. E é somente porque podemos conseguir a carne sem precisar sujeitar-nos à repugnante visão do matadouro, que prejudicamos também a outro irmão nosso. Pelo fato de você e eu não quereremos ir para lá, ele tem que ficar dia após dia, mês após mês, ano após ano: matando, matando, matando sempre. Você e eu apenas escapamos do embrutecimento que se pode ver concentrado nele, e concentrado a tal ponto que a lei considera o magarefe um réprobo em certo sentido, não lhe permitindo participar de um júri nos julgamentos em que são possíveis as penas de morte, já que o mesmo brutalizou-se tanto que perdeu todo o respeito pela vida.

Amigos! Deixemos de ser destrutivos. Visemos construir deixando todas as criaturas viverem! Elas têm tanto direito à vida quanto nós. Ella Wheeler Wilcox expressa tal direito nos belos versos que seguem:

Eu sou a voz daqueles que não falam,  
através de mim o mudo vai falar  
até que o surdo ouvido do mundo  
seja aberto para escutar  
as injustiças contra o fraco,  
que não sabe se expressar.

A mesma força formou o pardal  
o rei, aquela criatura moldada.  
Tanto para seres de pele como de pena,  
Pelo Deus *do Todo*  
uma centelha de alma, a cada um foi dado.

*Eu sou o guardião de meu irmão,*  
e até que o mundo corrija as coisas  
a luta dele lutarei,  
e para animais e aves  
a palavra falarei.



Agora, já avançamos tanto, que começamos a ver a aplicação disso num crescendo, e ainda mais do que vimos em Parsifal e no Santo Graal. Vemos assim que a compaixão começa quando abandonamos nossos apetites inferiores. E quando nos tornamos puros em pensamentos, desejos e corpo é que realmente progredimos.

No mito de Parsifal, conforme apresentado por Wagner, temos uma das mais admiráveis interpretações do fato de que certa classe entre nós pode avançar mais e tornar-se auxiliar da humanidade. Parsifal representa o homem que purificou-se e tornou-se inofensivo. Isto foi percebido e sentido espiritualmente por Wagner na manhã de uma Sexta-Feira Santa, quando, sentado à beira de um lago em Zurich, observou à sua volta as forças vitais atuando em tudo. Inúmeras sementes brotavam em meio a todo aquele maravilhoso fluxo de vida. Então, o artista perguntou-se: “que relação poderia haver entre a morte do Salvador na cruz e aquela explosão de vida na Natureza?” E aí ele chegou no âmago do Mistério do Santo Graal.

Recordemos, especialmente da Conferência anterior, que o homem é o inverso da planta. Platão expressou esta realidade esotérica quando disse: “A alma do mundo está crucificada”. Com efeito, o braço horizontal da cruz representa as linhas de influência do Espírito-Grupo animal que circundam a Terra, e que atuam através da coluna vertebral horizontal dos animais, os quais se situam entre os vegetais e os humanos. As plantas são representadas pelo braço inferior, e o homem, pelo braço superior do sagrado lenho.

Sabemos que os Espíritos-Grupo das plantas atuam a partir do centro da Terra, de onde irradiam ininterruptamente linhas de força que atravessam as árvores e demais plantas. O homem, pelo contrário, recebe do Sol as influências espirituais pela cabeça, sendo por isso, e de certo modo, uma planta invertida. Sabemos também que as plantas absorvem seu alimento pela raiz, opostamente ao homem, que o faz pela cabeça. A planta é casta e desapaixonada: do modo mais puro, estende seu órgão criador, a formosa flor, em direção ao Sol. O homem,

inversamente, dirige o seu, eivado de paixão, em direção à Terra. O homem é mais uma vez o oposto da planta pelo fato de que exala o venenoso dióxido de carbono, enquanto a planta libera só oxigênio vivificante. Pois bem, o Mistério do Santo Graal destinou-se a incutir no homem, ou melhor, a fazê-lo *sentir* tais verdades. Por conseguinte, dizia-lhe:

“Olha em volta de ti e vê como por toda parte na Natureza as incontáveis plantas crescem e as sementes brotam. A força criadora que nelas vês é a mesma que atua em ti e em toda criatura humana, só que nos vegetais ela expressa-se de maneira inversa. Entre a planta e Deus, existe um abismo de paixão.

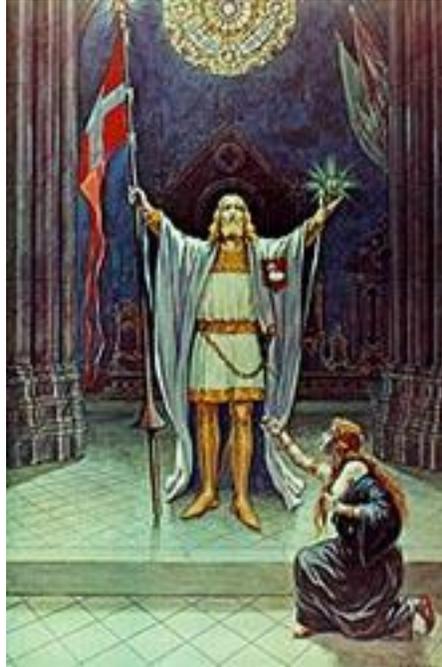
Os animais também estão sujeitos à paixão, uma vez que lhes corre nas veias o sangue vermelho passional. As plantas, porém, são puras, e tal pureza precisa ser recuperada.

Há certos estados de desenvolvimento que precisas atravessar. Precisas tornar-te puro e desapaixonado outra vez. Portanto, este emblema - o Cálice Graal - que aqui vês, representa o casulo de sementes da planta. É o símbolo da pureza, que se recomenda maneres permanentemente diante dos olhos a fim de que aspire este sublime ideal: a pureza que está incorporada na planta.”

Este conceito também está implício no Cálice da Comunhão usado nas igrejas, que, deste modo, simboliza igualmente o ideal pelo qual precisamos lutar. Na Alemanha, o Cálice da Comunhão tem o mesmo nome do cálice da flor: *Kelch*. E em outros diferentes idiomas, o significado é idêntico.

Portanto, o Cálice da Comunhão não é um cálice de vinho, mas um cálice que podemos considerar como receptáculo da própria essência da vida em sua antiga pureza, uma essência espiritual vivificante. Não o espírito entorpecente descoberto por Noé, não o espírito fermentado da deteriorização, mas aquele líquido vivificante que é o sangue da planta. Temos aí a descrição de um dos emblemas criados para os discípulos dos Mistérios como ideais a serem realizados.

O outro era a lança sagrada, simbolizada pelo raio do Sol que desce e abre a flor. Os raios do Sol representam a força espiritual que tudo produz e mantém no universo. É a mais potente força, mas também a mais perigosa quando utilizada sem o necessário discernimento ou empregada abusivamente, conforme foi muito acentuado na lenda de Parsifal. Na lenda, Amfortas, Klingsor e Parsifal representam as três classes: a dos que usam essa força criadora indiscriminadamente - Amfortas; a dos que a empregam com propósitos egoístas - Klingsor; e a dos que se utilizam para o único fim a que se destina - Parsifal. A força é a mesma, mas os seus efeitos variam consoante o uso que dela se faz. O fogo é o maior aliado do homem quando controlado e usado com bons propósitos. Usado, porém, ignorantemente ou com más intenções torna-se um dos mais perigosos elementos.



Parsifal e o Santo Graal, JAKnapp

Parsifal representa o místico cujos *sentimentos* foram despertados. Por isso, não está apto a dispor da força criadora até ser tentado, pois aquele cujos sentimentos são intensos é muito suscetível de errar. Contra o mal evidente, ele está garantido em razão de sua própria inocência, como Parsifal ao ser incapaz de perceber qualquer sensualismo no assédio das donzelas-flores. Ele é tão ingênuo e puro que aquilo em nada o afetou. Contudo, *inocência* não é, de modo algum, sinônimo de *virtude*. Inocência é a pureza negativa tal como a vemos nas crianças, sendo muitíssimo diferente da virtude que conquistamos através do fogo das tentações, a qual conservamos enquanto trilhamos o caminho do bem, guiados pelo inato senso de retidão. A inocência não pode ser submetida a provas; por isso, é menos valiosa que a virtude do pecador que se arrepende, regenera-se e toma forte e decididamente o partido da retidão por reconhecer nisso a senda da paz e da alegria, e também por ter conhecido os sofrimentos que encontrou na trilha do erro.

Amfortas é tentado, cede e sofre. Parsifal presencia aquele sofrimento e pode compartilhar de sua dor porque, quebrando seu arco, tornara-se inofensivo. O homem que mata não pode sentir compaixão. O inofensivo tem um coração terno e vê o benefício que a dor traz. Parsifal sente-se, de modo geral, alegre e satisfeito após deixar Herzleide - a Dor - para trás. Encontra-se depois naquele jardim de donzelas-flores, sua face brilhando de cândido prazer. Então, surge a tentação Kundry e isto causa dor, aquela dor incomum para ele. Por força de associação, surge, ante sua visão interna, aquela outra cena em que sentia a mesma dor - a cena do Castelo do Graal, onde o rei ferido celebrava o ritual sagrado. E aí, Parsifal vê e compreende, em razão da simpatia gerada por sua inofensividade. Não fosse por isso, ele também poderia ter caído nas sutis tentações de Kundry.

Klingsor é a própria antítese de Parsifal. Ele não é tolo. Tem conhecimento e, por conhecer, exerce e mantém seu poder inteiramente separado do desejo carnal. Para isto, chegou a castrar-se, *matando assim totalmente o desejo ao invés de dominá-lo*. Quando trilhamos a senda mística, os desejos despertam mais poderosamente, de modo que, a menos que nos tenhamos tornado inofensivos e deixado de comer alimentos saturados de desejos inferiores, ficamos extremamente sujeitos a cair. Confirma isto o notório fato de alguns indivíduos super-devotos terem já arrastado à igreja a grandes escândalos, em razão dos fortíssimos e irresistíveis apelos de seu sexo. Denunciados como hipócritas, eles na realidade eram autênticos, mas não puderam dominar as fortes ondas de desejo que os afogavam devido ao alimento impuro.

Klingsor não estava disposto a correr tais riscos, por isso mutilara-se seu órgão sexual. Impedindo-se assim de gratificar o desejo ardente e perder em consequência seu poder, conforme ocorrera a Amfortas quando cedeu à sedução de Kundry.

Em O Anel dos Nibelungos, ouve-se também o mesmo princípio: aquele que almeja o poder precisa renegar o amor mundano. Alberico, o Nibelungo, faz isso para apoderar-se do “ouro do Reno”, que se converte em maldição para os deuses e para o homem.

Quando a cabeça ou o intelecto governa independentemente dos sentimentos, conforme se dá com o intelectual ocultista, a senda negra desdobra-se diante do homem, mas na combinação de cabeça e coração, acha-se o verdadeiro equilíbrio, a única segurança.

Amfortas poderia não ter caído se tivesse sido inofensivo, mas ele havia tencionado usar indevidamente o poder espiritual simbolizado pela lança. Ia usá-la sem o necessário discernimento contra Klingsor, por conseguinte, este reage e fere-o. Ambos, mago negro e mago branco, usam a mesma força - poder espiritual - e é tão impossível usar-se uma força espiritual para ferir um homem espiritual quanto afogar um peixe n'água. Por conseguinte, quando Klingsor arremessa o poder espiritual - a lança - contra Parsifal, esta fica apenas pairando sobre ele que então a dirige contra o castelo, não contra Klingsor.

O bom nunca usa o bem para destruição direta do mal. Fá-lo só indiretamente, para mostrar o maior poder do bem.

Assim como a flor absorve força vital, o poder espiritual dos raios solares de maneira ingênua e pura ao desabrochar sua inocente beleza, assim também precisa desabrochar em forma de pureza e inofensividade o poder espiritual latente no homem. Tampouco devemos matar o desejo ou nos furtar a expressão dos sentimentos, conforme se dá com alguns que fazem votos de castidade e ingressam em mosteiros e outros ambientes, onde se isolam das tentações ou, pelo menos, onde estas não se podem converter em atos. O desejo pode ser tão forte no monge quanto no Cavaleiro, mas o primeiro torna impossível sua gratificação pelo voto jurado, enquanto o segundo é livre para escolher entre o bem e o mal. Se este virilmente vence, a tentação, como fez Parsifal, desperta em seu ser aquele amor superior que está tão distante do amor sensual quanto o céu está do inferno.

Nós, como cristãos, assemelhamo-nos ao Rei Amfortas: perdemos temporariamente nosso poder espiritual em decorrência de nossos abusos e impurezas, mas, das cinzas destas condições, ressurgirá a Nova Cristandade simbolizada por Parsifal, que há de curar os sofrimentos do velho e tomará seu lugar. Esta condição pessoal, simbolizada pelo Santo Graal, é o estado humano em que o provisório cede lugar ao duradouro e permanente.

Mantemos nossos corpos com alimentos cárneos de grande instabilidade. Mesmo as verduras não são estáveis no organismo. Nossos corpos trocam tudo e modificam-se em conjunto em poucos anos. Por outro lado, a planta possui um corpo que dura eras, mesmo após haver sido abandonada pela vida, como se pode ver nas construções de madeira que duram séculos seguidos. Qual o segredo?

A árvore é quase toda carbono puro. Mas de onde ela tira esse carbono? Do dióxido de carbono exalado pelo animal e pelo homem. Em outras palavras: *a cada respiração, jogamos fora aquilo que, se conservado, faria nosso corpo duradouro.* Em que se transforma a árvore? Dentro de alguns milênios converte-se em carvão - ou carbono preto. E a substância mais durável e mais saudável sobre a Terra é o carbono branco - ou diamante.

Se pudéssemos descobrir um meio de reter o carbono que exalamos, não converter-nos-íamos naquilo que os hindus chamam de Alma Diamantina - o perfeito corpo imortal. Estaríamos produzindo o que os Rosacruzes denominam de Pedra Filosofal, que é o Elixir da Vida, a panacéia para todos os males do mundo. Saberíamos, então, o significado do mar de cristal da Nova Jerusalém e poderíamos entender o significado do Mar de Bronze <sup>2</sup>, que foi a última obra de Hiram Abiff, o grande arquiteto do Templo de Salomão, construído sem o uso das mãos. Tudo isso expressa a mesma verdade transmitida pelo Santo Graal, e que é alcançada somente pelos puros de coração, por aqueles que venceram o mundo e se tornaram auxiliares da humanidade.

#### Notas do Editor:

<sup>1</sup> Em 1884, Max Heindel, então Carl Louis Grasshoff viajou para Glasgow . Nesta cidade ele conheceu sua primeira esposa, Catherine Dorothy Wallace que trabalhava com litografia. Ela era natural de Glasgow, nascida em 4 de janeiro de 1869 e filha do fabricante de boilers James Barr e Mary Anne Wallace. Carl tinha apenas vinte anos quando se casou com esta jovem de dezesseis anos, em 15 de dezembro de 1885. O casal deixou Glasgow e fixaram residência em Liverpool. Foi nesta época que Carl comprou uma cópia do periódico "**London Light**" e leu pela primeira vez o poema "**A Prayer**" de Florence May Holbrook (1860-1932), que provocou uma profunda impressão sobre ele que jamais a esqueceu.

<sup>2</sup> "Mar de Bronze também é conhecido como "Mar Fundido", "Fonte da Consagração", "Lavabo da Consagração" e "Lavabo da Purificação" ao longo da literatura Rosacruz. Sua origem remonta ao ano 1005 A.C. quando o Rei Salomão encomendou sua fabricação ao architekton ("grande construtor") Hiram Abiff, tendo sido destinado às abluções sacerdotais de efeito simbolicamente depurador."

## Anexo:



### ORIGEM DA ORAÇÃO ROSACRUZ Por António de Macedo

Na conferência sobre «The Mystery of the Holy Grail», publicada em folheto em 1909 e incluída no livro *The Rosicrucian Christianity Lectures*, editado postumamente em 1939, Max Heindel ao referir-se à eficácia da verdadeira oração previne-nos contra as orações de carácter egoísta, palavrosas e sem um verdadeiro amor pelo nosso próximo, que frustram a finalidade que uma oração deve servir. A oração genuinamente eficaz, pelo contrário, deve estar em perfeita harmonia com a Natureza de Deus, que é **Amor**. Em seguida conta como encontrara uma oração em forma de poema na revista *London Light* alguns anos antes\*, e intitulou-a: **AN IDEAL PRAYER (Uma Prece Ideal)** tendo-a conservado, desde então, como um tesouro inestimável. E, no texto dessa conferência, Max Heindel acrescenta: *“Este é o tipo de oração que eleva e enobrece, e quanto mais se cultivarem e mantiverem estas sublimes aspirações tanto mais se elevam os dois éteres superiores do corpo vital. Por isso as Igrejas dizem orai sem cessar, e nisso estão de acordo com os ensinamentos ocultos pois dessa maneira actua-se sobre o corpo vital pela repetição constante de aspirações elevadas. Antes de podermos seguir a Senda Oculta é absolutamente necessário que se afrouxem os laços que prendem os dois éteres superiores aos dois éteres inferiores, pois a condição para podermos funcionar sem perigo fora do corpo denso, é que saíamos envolvidos naqueles, deixando o corpo denso ao cuidado destes”*.

Esta oração foi adoptada por The Rosicrucian Fellowship para ser lida entre a conferência e o Hino de Encerramento, no Serviço do Templo. O original inglês consta de seis quadras, em versos rimados, o que perfaz um total de 24 versos. Sabemos que 24 é um número cheio de significado, e a musicalidade da poesia pode acordar ressonâncias especiais nas subtis regiões do 2.º e 3.º Céus. Como as traduções portuguesas que se conhecem são em prosa, fica prejudicado um componente importante, melódico e espiritual, ainda que os conceitos do conteúdo estejam correctamente traduzidos. O texto original, da professora, poetisa e pacifista americana Florence May Holbrook (1860-1932), é o seguinte:

## A Prayer



*Oração, Albrecht Durer (1471 - 1528)*

*Not more of Light I ask, O God,  
But eyes to see what is;  
Not sweeter songs, but ears to hear  
The present melodies.*

*Not more of strength, but how to use  
The power that I possess;  
Not more of love, but skill to turn  
A frown to a caress.*

*Not more of joy, but how to feel  
Its kindling presence near,  
To give to others all I have  
Of courage and of cheer.*

*No other gifts, dear God, I ask,  
But only sense to see  
How best those precious gifts to use  
Thou hast bestowed on me.*

*Give me all fears to dominate,  
All holy joys to know;  
To be the friend I wish to be,  
To speak the truth I know.*

*To love the pure, to seek the good,  
To lift with all my might  
All souls to dwell in harmony,  
In freedom's perfect light.*

O Centro Rosacruz Max Heindel (Benavente, Portugal) empreendeu a grata tarefa de apresentar uma nova tradução, que, respeitando o conteúdo, ao mesmo tempo procurasse preservar a musicalidade dos 24 versos rimados do original:

### **ORAÇÃO ROSACRUZ**



*Não mais Luz, Senhor, Vos peço,  
Mas olhos para ver a existente,  
Nem canções mais doces; mas, se o mereço,  
Ouvidos para ouvir o Som presente.*

*Nem mais forças, mas apenas como usar  
O divino poder que já possui;  
Nem mais amor, mas o dom de transformar  
Num gesto de carícia um esgar de amúo.*

*Nem mais alegria, Senhor, mas sim sentir  
No meu íntimo a sua cálida presença,  
Para poder aos demais distribuir  
Quanto tenho de coragem e bem-querença.*

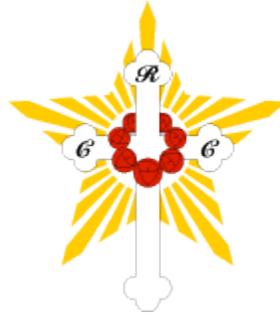
*Não mais dádivas, amado Deus, Vos peço,  
Mas apenas o saber e a inspiração  
De espalhar à minha volta com sucesso  
As que tenho a transbordar do coração.*

*Infundi-me todos os temores para que os domine,  
E todas as santas alegrias, para as conhecer,  
A fim de ser o amigo certo que desejo ser,  
E para que a chama da Verdade eu dissemine;*

*Sendo capaz de à pureza amar, e à bondade,  
Para elevar com toda a alma e energia  
Até à luz da mais perfeita liberdade  
As demais almas, num empíreo de harmonia.*

# Fraternidade Rosacruz

## *Princípios e Finalidade*



**A** Fraternidade Rosacruz, cuja sede mundial está situada em Mt. Ecclesia, Oceanside, Califórnia, foi fundada em 1909 por Max Heindel, que organizou e dirigiu todos os seus trabalhos até 1919, data de sua partida física. Sucedeu-o sua esposa Sra. Augusta Foss Heindel, que durante trinta anos dirigiu a Obra a frente de um Conselho Diretor.

A Fraternidade Rosacruz é uma organização de místicos cristãos composta por homens e mulheres que estudam a Filosofia Rosacruz segundo as diretrizes apresentadas no Conceito Rosacruz do Cosmos. Tal Filosofia é conhecida como os Ensinamentos da Sabedoria Ocidental e estabelece uma ponte entre a ciência e a religião. Seus estudantes estão espalhados por todo o mundo; mas sua Sede Internacional está localizada em Oceanside, Califórnia, E.U.A.

A Fraternidade Rosacruz não tem conexão com nenhuma outra organização. Foi fundada durante o verão e outono de 1909, após um ciclo de conferências proferido por Max Heindel em Seattle. Um Centro de Estudos foi formado e a Sede da Fraternidade se localizou temporariamente naquela cidade. Providências foram tomadas para a publicação do Conceito Rosacruz do Cosmos. Com a publicação deste trabalho a Fraternidade Rosacruz foi definitivamente estabelecida.

A Fraternidade Rosacruz Max Heindel não é uma seita ou organização religiosa, mas sim uma grande Escola de Pensamento. Sua finalidade precípua é divulgar a admirável filosofia dos Rosacruzes, tal como ela foi transmitida ao mundo por Max Heindel, escolhido para esse fim pelos Irmãos Maiores da Ordem Espiritual.

Seus ensinamentos projetam luz sobre o lado científico e o aspecto espiritual dos problemas relacionados à origem e evolução do homem e do Universo. Tais ensinamentos, contudo, não constituem um fim em si mesmo, mas um meio para o ser humano tornar-se melhor em todos os sentidos, desenvolvendo assim o sentimento de altruísmo e do dever, para o estabelecimento da Fraternidade Universal.

O fim a que se destina a Filosofia Rosacruz é despertar a humanidade para o conhecimento das Leis Divinas, que conduzem toda a evolução do homem, e, ainda:

(I) explicar as fontes ocultas da vida. O homem, conhecendo as forças que trabalham dentro de si mesmo, pode fazer melhor uso de suas qualidades;

(II) ensinar o objetivo da evolução, o que habilita o homem para trabalhar em harmonia com o Plano Divino e desenvolver suas próprias possibilidades, ainda desconhecidas para grande parte da humanidade;

(III) mostrar as razões pelas quais o Serviço amoroso e desinteressado ao próximo é o caminho mais curto e mais seguro para a expansão da consciência espiritual.

Foram publicados livros e organizados Cursos por Correspondência para os aspirantes que desejam estudar as verdades espirituais, mas como auxílio e não como fim em si mesmo, pois o estudo, em si só, não basta. A teoria precisa da experiência, obtida mediante a prática, para ser desenvolvida em sabedoria e poder. E, precisamente, a Fraternidade Rosacruz destina-se a prestar a orientação necessária aos aspirantes, para se chegar à aplicação da Lei Espiritual na solução dos problemas individuais e coletivos.

O Movimento Rosacruz, publica e mundialmente iniciado pelo engenheiro Max Heindel, é fundamentalmente uma Escola de reforma interna para a humanidade, uma Escola de desenvolvimento e expansão de consciência, tratando de nossa origem espiritual e da finalidade de nossa evolução.

### ***Movimento Rosacruz no Brasil***

<b><i>Centros e Grupos Autorizados</i></b>	<b><i>Endereço</i></b>	<b><i>Contato</i></b>
<i>Fraternidade Rosacruz Sede Central do Brasil</i>	<i>Rua Asdrúbal do Nascimento, 196 CEP:01316-030 São Paulo - SP, Brasil</i>	<i>Fone/Fax:(0xx11)3107-4740 E-mail : <a href="mailto:rosacruz@fraternidaderosacruz.com.br">rosacruz@fraternidaderosacruz.com.br</a> Site: <a href="http://www.fraternidaderosacruz.com.br">www.fraternidaderosacruz.com.br</a> Loja virtual : <a href="http://www.fraternidaderosacruz.org.br">www.fraternidaderosacruz.org.br</a></i>
<i>Fraternidade Rosacruz Centro Autorizado do Rio de Janeiro</i>	<i>Rua Enes de Souza 19 - Tijuca – Cep. 20521-210 - Rio de Janeiro - RJ</i>	<i>Telefone celular: (55) (21) 9548-7397 E-mail: <a href="mailto:rosacruzrhrio@gmail.com">rosacruzrhrio@gmail.com</a> Sites: <a href="http://www.rosacruzri.org.br">www.rosacruzri.org.br</a> <a href="http://www.fraternidaderosacruz.org">www.fraternidaderosacruz.org</a></i>
<i>Fraternidade Rosacruz Centro Autorizado de Campinas</i>	<i>Av.Francisco Glicério, 1326 - 8 Andar - Sala 82 - Centro - Cep.13012-100 - Campinas - SP</i>	<i>E-mail: <a href="mailto:rosacruz@fraternidaderosacruz.com">rosacruz@fraternidaderosacruz.com</a> Site : <a href="http://www.fraternidaderosacruz.com">www.fraternidaderosacruz.com</a></i>
<i>Fraternidade Rosacruz Centro Autorizado de Santo André</i>	<i>Av.Dr.Cesário Bastos, 366 - Vila Bastos - Cep.09040-330 - Santo André - SP</i>	
<i>Fraternidade Rosacruz Grupo de Estudos de São Pedro</i>	<i>Rua Vasco Altafim, 517 Santa Cruz - São Pedro - 13520-000 - SP</i>	



**E-Book Gratuito**

Este trabalho faz parte de uma série de vinte conferências pronunciadas por Max Heindel em 1909 sobre CRISTIANISMO ROSACRUZ

Venda Proibida

Pode ser compartilhado sem fins lucrativos.

**FRATERNIDADE ROSACRUZ**

**Centro Autorizado do Rio de Janeiro**

Rua Enes de Souza, 19 Tijuca, Rio de Janeiro, R.J. Brasil 20521-210  
Telefone celular: (21) 9548-7397 - E-mail: [rosacruzrhrio@gmail.com](mailto:rosacruzrhrio@gmail.com)

Endereços Web

Site Rubi Alquímico

[www.fraternidaderosacruz.org](http://www.fraternidaderosacruz.org)  
[www.christianrosenkreuz.org](http://www.christianrosenkreuz.org)

Site Diamante Alquímico

[www.rosacruzrj.org.br](http://www.rosacruzrj.org.br)

Matriz:

**THE ROSICRUCIAN FELLOWSHIP**

**Rosicrucian Fellowship , 2222 Mission Ave , Oceanside, CA 92058-2329**

[www.rosicrucian.com](http://www.rosicrucian.com)

[www.rosicrucianfellowship.org](http://www.rosicrucianfellowship.org)

(760) 757-6600 (voice), (760) 721-3806 (fax)

© 2013